

Conto: Dez e Cinquenta e Sete

Mariana Garghetti Buss - Santa Maria/RS - Incentivo Local

Ela andava apressada. Em uma mão levava um copo de café quente e na outra uma pilha papéis e pastas. Finalmente chegou ao escritório em que trabalhava, cumprimentando brevemente os funcionários que já haviam chegado. Em uma manobra arriscada, equilibrou o café sobre a pilha de papéis e tirou do bolso de seu blazer a chave da porta, que anunciava, em uma placa mais chamativa do que gostaria, “gerente administrativo”. O café balançou perigosamente durante o processo de voltar a chave. Decidiu ser mais prudente. Segurando o café novamente, abaixou a maçaneta de maneira desajeitada, com o auxílio de seu cotovelo, e empurrou a porta com o quadril. Largou o copo cuidadosamente sobre a mesa e em seguida fez o mesmo com os papéis. Fechou a porta. Sentou-se. Fechou os olhos e respirou fundo. Buscou o café com a mão, errando o cálculo da distância e atingindo o copo com o braço. Exclamou algumas maldições, enquanto erguia o objeto caído e desviava do líquido quente que escorria sobre a mesa em sua direção. O desastre poderia ter sido maior se o líquido houvesse sido vertido na direção dos importantes papéis dispostos sobre a superfície de madeira. Procurou em seu armário algumas toalhas de papel e deixou que absorvessem o líquido indesejado na madeira e no piso. Voltou a sentar-se e massageou suas têmporas com carinho. O dia havia começado mal.

Respirou fundo mais uma vez e decidiu pôr-se a trabalhar. Estendeu o braço até a primeira gaveta da escrivaninha e dali retirou a agenda na qual anotava seus compromissos mais importantes. Folheou até a página desejada, onde várias coisas estavam escritas. Porém seus olhos foram imediatamente atraídos para a linha anterior àquela que indicava “23:00”. Em caligrafia cursiva impecavelmente desenhada com tinta vermelha chamativa, leu:

22:57 Encontro com a morte

Riu, nervosa, quase como reflexo. Depois, parou. Encarou a página a sua frente por alguns momentos, estática. Sentiu uma sensação de vazio interno, quase como se algo dentro de si estivesse sendo sugado por uma intensa força que experienciava pela primeira vez. Seu cérebro simplesmente havia deixado de processar informações. Continuou encarando a

página. Depois, maquinalmente, abaixou a agenda até a mesa e levantou-se. Não sentia como se fosse ela própria comandando seu corpo. Sua mente acompanhava toda a cena, mas na posição de espectadora. O corpo se movia instintivamente. Abriu a porta e chamou o guarda do turno da manhã de maneira mais agressiva do que gostaria. Não havia percebido que estava com tanta raiva. Mas agora sentia claramente o seu corpo vibrando, transbordando com tal vil sentimento.

O homem aproximou-se com olhar preocupado. Ela perguntou se o guarda da noite havia reportado algum tipo de invasão à sua sala. Ele negou. Ela explicou a situação e pediu que ele buscasse imagens da noite anterior nas câmeras de segurança e lhe informasse se qualquer coisa estranha aparecesse nas filmagens. Ele saiu, então, dirigindo-se diligentemente ao setor de segurança do prédio para cumprir a tarefa que lhe havia sido designada. Ela chamou a atenção dos funcionários, que de suas mesas ergueram os olhos para a mulher irritada. Ela jurou que se alguém ali fosse o responsável pela brincadeira sem graça, as consequências seriam terríveis. Eles trocaram olhares confusos enquanto ela batia a porta de sua sala com violência.

Pelo lado de dentro, a mulher apertava a maçaneta com força. Percebeu que sua mão tremia e, no mesmo instante, percebeu que com a raiva competia o medo. A escrita escarlate em sua agenda não estava lá no dia anterior, quando conferiu os compromissos do dia seguinte e guardou o objeto na gaveta, logo em seguida recolhendo seus pertences e deixando para trás a sala trancada. Seria aquilo uma brincadeira de mau gosto? Uma ameaça de algum cliente ou funcionário insatisfeito? Sofreu um sobressalto quando o toque estridente do telefone ecoou pelo cômodo. Do outro lado da linha, o guarda lhe informava que absolutamente nada de anormal havia sido capturado pelas câmeras durante a noite. Ninguém havia entrado na sua sala. Seria então esse cliente ou funcionário invisível ou capaz de atravessar paredes?

Apoiou os cotovelos na mesa e deixou as mãos cobrirem seu rosto. Ficou assim por alguns minutos. Disse para si mesma que aquilo só poderia ser uma brincadeira. Não poderia ser levado a sério. Era preciso trabalhar! Precisava ocupar sua mente e assim parar de pensar bobagens sobre coisas que não existiam. Puxou alguns contratos pendentes em sua direção e começou a analisá-los. Não demorou para que o episódio da agenda fosse varrido de sua mente e seu lugar fosse ocupado por complexas cláusulas e termos. E as horas no relógio seguiram avançando.

No horário do almoço, a mulher já estava tranquila. Almoçou com alguns outros funcionários e contou a história em tom divertido. Estava esclarecida a cena que fizera na manhã. Seus colegas encararam o fato com graça e também com preocupação. Era preciso descobrir como o responsável havia executado tal pegadinha, afinal era uma sala trancada e vigiada. Aconselharam-na a tomar especial cuidado ao sair do trabalho. Ela respondeu, com segurança, que não era necessário. Afinal, se alguém realmente quisesse lhe fazer algo não anunciaria a hora exata para que ela se prevenisse! Os outros deram de ombros. Fazia sentido, afinal. O intervalo chegava ao fim e aos poucos cada um voltou ao seu posto e às suas tarefas. Inclusive ela.

Porém, conforme as horas da tarde foram passando, o som do relógio *tiquetaqueando* pareceu ficar mais alto e o movimento dos ponteiros, mais rápido. Sua concentração acabou e cada linha dos contratos que lia se perdia em algum canto nebuloso do seu cérebro. Começou a se sentir ansiosa e apreensiva. Eram cinco horas. Disse pra si mesma que estava tudo bem e que aquilo era apenas cansaço. Pegou o telefone e ligou para seu noivo, perguntando se ele poderia buscá-la às seis e meia, horário em que saía do escritório. Alegou que estava com saudade e queria passar uma noite agradável com ele. Tentou convencer-se disso no processo. Ao mesmo tempo, negou a si mesma que sentiu alívio quando ele lhe disse para esperar em frente ao prédio no final do expediente.

Passou o resto do tempo fazendo atividades que requeriam menos atenção do que a análise de documentos. Continuava dispersa, e sua apreensão aumentava cada vez mais. Quando o relógio marcou seis horas, decidiu abandonar de uma vez qualquer atividade. Tamborilou os dedos na mesa, checkou o celular, folheou uma revista que alguém havia deixado em sua sala. O tempo parecia não passar. Levantou-se, decidindo sair mais cedo. Guardou os pertences mais importantes na bolsa e preparou-se para sair. Antes de abrir a porta, porém, parou. Voltou-se e encarou a mesa por alguns segundos. Não sabia dizer, caso alguém lhe perguntasse, qual razão a levou a retroceder, abrir a gaveta, retirar dali a agenda que lhe causara tantos problemas e guardá-la em sua bolsa com cuidado. Ao sair, finalmente, da sala, apertou a bolsa contra o corpo em um gesto protetor. Algo lhe dizia que por alguns dias não sairia de perto do objeto. Trancou a porta, conferiu duas vezes se estava realmente trancada e saiu.

Em seu caminho para a saída do prédio, conversou com alguns amigos, com o guarda e com o porteiro. Relutou em abandonar completamente a companhia das pessoas. Quando

finalmente chegou à rua, já passava um pouco das seis e meia. Esperou um pouco, observando o movimento. Impaciente, começou a andar de um lado para outro. Procurou em sua bolsa uma caixinha de chicletes que sempre carregava consigo e colocou um deles na boca. Mastigou algumas vezes e sentiu-se irritada, enojada. Foi até a lixeira mais próxima e cuspiu-o com violência. Checou o relógio: seis e quarenta. Parou novamente, cruzando os braços e batendo um dos pés no chão em um ritmo cadente, no qual passou a prestar muito mais atenção do que o necessário. Isso lhe distraiu, causando uma espécie de transe, como alguém que começa a prestar atenção no barulho do relógio. Percebeu que mais uma vez contava o tempo involuntariamente. Toc. Toc. Toc. A cada batida um segundo se passava e mais próxima ficava do compromisso marcado em vermelho vivo nas páginas de sua agenda.

Começou a sentir mais uma vez a sensação de vazio lhe preencher, mas foi abruptamente desperta de seu devaneio perigoso pelo som alto de uma buzina. À sua frente, um carro preto estacionado revelava pela janela aberta um rapaz que gesticulava freneticamente. Era seu noivo, tentando lhe chamar a atenção com uma expressão confusa. Embarcou no carro e justificou sua ausência momentânea com cansaço. Pensou em contar-lhe sobre a agenda, mas algo lhe impediu. Talvez não quisesse mais pensar sobre o assunto. Foram até a casa dela, onde tomou um banho relaxante, que pela primeira vez no dia lhe proporcionou a sensação de tranquilidade. Decidiram então que passariam a noite na casa dele. Colocou em uma bolsa maior tudo o que precisaria e a agenda. Abriu a porta do apartamento e deixou seu noivo sair primeiro. Quando estava prestes a fechá-la, ergueu os olhos. O antigo relógio de parede pelo qual era verdadeiramente apaixonada marcava oito horas. Sentiu seu coração bater com força. Pela primeira vez na vida, o objeto que lhe era tão caro causou-lhe medo.

Fechou a porta com uma batida seca e caminhou rapidamente até o carro, onde seu noivo já lhe esperava com o motor ligado. Dirigiram-se até a casa dele. Depois de algum tempo conversando, enquanto assistiam a um programa qualquer na televisão, o rapaz sugeriu que saíssem para comer algo. Um restaurante japonês havia aberto na quadra ao lado, e ele estava curioso para conhecer o lugar. Ia negar, pedir que ficassem em casa, dizer-se indisposta. Porém ela mesma havia dito, no telefonema que fizera mais cedo, que gostaria de voltar a fazer coisas diferentes, pois o trabalho de ambos estava tomando-lhes muito tempo. Foi a melhor justificativa que pôde pensar para a urgência do encontro e não podia contradizer-se agora. Não sabia por que, mas não queria lhe contar o verdadeiro motivo de

sua comoção. Aceitou, por fim. Alcançou o controle que estava na mesinha à sua frente para desligar a televisão enquanto ele procurava sua carteira. Apertou o botão vermelho e, antes de a tela ser consumida pelo absoluto negrume, no seu canto direito um relógio digital marcava nove horas e trinta minutos. Jogou o controle no sofá como se ele houvesse lhe queimado a mão.

Andaram com as mãos entrelaçadas até a esquina e dobraram à esquerda. Descendo a quadra, na esquina seguinte, chegaram ao seu destino. O lugar era agradável e, apesar de pequeno, estava lotado. O barulho de pessoas conversando, a música que era emitida pelas caixas de som localizadas nos cantos do estabelecimento e o cheiro delicioso de comida tiveram na mulher um efeito calmante imediato. Relaxou. Sentou-se, fez o pedido e conversou animadamente. Esqueceu-se completamente do dia, que começou da pior maneira possível, da agenda e do compromisso que ela, em escarlate, lhe avisava que teria em menos de duas horas. Esqueceu-se, principalmente, de marcar o tempo. Quando terminaram a refeição e as bebidas que acompanhavam, levantaram-se. Pagaram a conta e dirigiram-se para a saída do estabelecimento. Pela primeira vez no dia, ela não olhou para o relógio que estava acima da cabeça da moça simpática do caixa. Sua distração impediu-a de ver que ele marcava dez horas e cinquenta minutos.

O casal subiu a rua lentamente, dessa vez tomando o tempo para olhar as vitrines no caminho e comentar sobre o sapato horrível, o vestido caro, o relógio bonito ou a qualidade do atendimento de tal loja. Ele apertou a mão dela. Ela o olhou e sorriu. Nesse momento algo na vitrine de uma livraria lhe chamou a atenção. Era uma agenda igual à que carregava na bolsa. Antes que pudesse pensar em qualquer coisa, a voz de seu namorado soou ao seu lado. “Que horas são?” ele perguntou. Ela automaticamente ergueu a manga do casaco e consultou o delicado relógio de ouro que sempre levava no pulso direito.

“Dez e cinquenta e...” ela não conseguiu terminar a frase. Por um momento teve a impressão de que o chão havia-se aberto sob seus pés e foi tomada por uma sensação inexplicável de desespero. O visor digital marcava 22:57. Depois de um segundo que pareceu durar uma eternidade, sentiu a mão que segurava a sua soltar-se. Virou-se, e o tempo parecia passar em câmera lenta. Seu noivo havia lhe dado as costas e caminhava em direção à rua, olhos fixos em algum ponto na calçada do lado oposto. Ela ergueu os olhos, tentando identificar para o que ele olhava. Uma forte luz ofuscou-lhe a visão. O rapaz, porém, não se deteve. Ela se sentiu paralisada. O tempo pareceu parar completamente, bem como seu

coração. Ouviu, ao longe, uma freada brusca. Um baque seco. Uma arrancada violenta. Um grito desesperado. Reconheceu sua própria voz. Quando deu por si, estava ajoelhada no meio da rua. Ao longe, dois pontos vermelhos, lanternas de um carro negro que se confundia com a escuridão da noite, desapareciam em uma esquina qualquer. O corpo a sua frente estava imóvel e sujo de terra e sangue. Seu rosto estava encharcado de lágrimas e o gosto salgado em sua boca imitava a sensação terrível que lhe acometia o peito.

Com as mãos trêmulas, ligou para uma ambulância, formando com dificuldade as palavras. Deitou a cabeça no peito do rapaz estático. Nada. Absolutamente nada. Afastou-se. Sentou-se no asfalto. Apoiou-se nos braços e jogou a cabeça para trás. Gritou. Sabia que havia pessoas nas janelas e outras ao redor. Elas falavam alguma coisa, provavelmente perguntavam se ela estava bem, mas ela não ouvia nada. Abaixou os olhos novamente e fixou-os na direção em que seu noivo olhava antes do acidente. Lá, escorada displicentemente em um poste, estava uma figura vestida com roupas casuais, mas de um tom negro surrealmente intenso. Ela não conseguia enxergar seu rosto. Usava um capuz preto e a posição sob a luz do poste lançava uma sombra sobre toda a face. Porém, a mulher teve a impressão de ver ou talvez de sentir que na face, escondido, estava pintado um sorriso diabólico. Eram 22:57 e ela tinha um encontro com a morte. Ninguém havia dito que era com a dela.

Mais uma vez o tempo pareceu desacelerar. Percebia pelo canto do olho a luz estroboscópica da ambulância se aproximando. Percebia também a movimentação das pessoas ao seu redor. Percebia, ainda mais claramente, o corpo inerte à sua frente. Porém não era capaz de desviar seus olhos da figura encapuzada. As mãos, que antes estavam escondidas no que pareciam bolsos da calça que vestia, moveram-se. Eram brancas como cera e não pareciam possuir qualquer sangue pulsando por suas veias. Em meio à cena que se desenvolvia em câmera lenta ao seu redor, elas se moviam com rapidez. Uma das mãos parou, aberta, como se a pessoa lesse algo nela. A outra imitou o movimento de folhear páginas. Em um instante, a mulher entendeu. A sensação de câmera lenta chegou ao seu final. O mundo acelerou novamente. Ela, violenta e desesperadamente, livrou-se de mãos que tentavam ajudá-la a levantar-se. Gritou pra que a soltassem. Estendeu o braço até a bolsa que havia sido esquecida, caída, ao seu lado. Pegou a agenda na mão e folheou até a página marcada em escarlata. Sentiu seu corpo gelar. Com olhos assustados, levantou a cabeça, procurando a figura vestida de negro. Ela havia desaparecido. A agenda caiu de suas mãos

enquanto as pessoas ao redor finalmente conseguiam levantá-la. Em estado de choque, sem conseguir reagir, a mulher foi levada para longe.

Nas páginas do objeto aberto no chão, lia-se, caligrafia cursiva impecavelmente desenhada com tinta vermelha chamativa e letras garrafais:

22:57

Encontro com a morte

FOI UM PRAZER.

ATÉ BREVE.